

MILTON SANTOS, SEU EXÍLIO, E A GEOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO

Breno Viotto Pedrosa¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, RS, Brasil



Enviado em 20 jun. 2024 | Aceito em 20 nov. 2024

O texto que traduzi e que agora apresento se trata de um trecho do curso “Crescimento demográfico e consumo alimentar nos países subdesenvolvidos”, que Milton Santos lecionou na Universidade de Toulouse, na França, logo após seu exílio do Brasil, posteriormente ao golpe de 1964. O documento foi encontrado na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, no acervo doado por Rafael Copstein, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que lecionava para graduação um curso intitulado Geografia da Produção Alimentar.

O volume que encontrei se trata do segundo fascículo do curso de Santos, que aborda especificamente o tema meio geográfico e alimentação, sendo publicado pelo *Centre de documentation universitaire* (Paris), em 1967, com tiragem de 1290 exemplares. A primeira parte não foi localizada na biblioteca de Copstein, mas ao que tudo indica, esse é um documento raro e até então inédito. Diante desse verdadeiro tesouro, minha opção foi pela tradução da conclusão do curso, sendo que o segundo fascículo se estrutura nos seguintes capítulos - Primeira parte: A repartição das disponibilidades e dos regimes: (1) o problema alimentar nos diferentes continentes sob uma ótica global; (2) as necessidades pessoais e sua satisfação no mundo subdesenvolvido; (3) a elaboração geográfica dos regimes alimentares; Segunda parte: Estudo das relações e não-relações entre produção e consumo, que segue a partir do capítulo (4) Produção e consumo no meio “fechado”; (5) A agricultura pela acumulação do trabalho humano; (6) As regiões abertas à agricultura industrial; (7) Os meios exclusivamente consumidores, a alimentação das populações urbanas; e a conclusão.

1. Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3204-8992>. E-mail: brenoviotto@hotmail.com

A título de introdução, desejo lembrar alguns fatos, pois ao contrário do que alguns afirmam, Milton Santos foi exilado por motivos políticos e por sua prática científica. Durante muito tempo procurei o documento que indicasse ou pautasse o seu processo na justiça militar e, por um acaso do destino, encontrei-o não em arquivos ou textos acadêmicos, mas na exposição Ocupação Milton Santos², promovida em 2023, pelo Itaú Cultural na cidade de São Paulo. Um cartaz da exposição mostrava a repercussão da prisão de Milton Santos nos jornais baianos e trazia o processo que estaria disponível no portal “Brasil nunca mais”³. O documento, parte de um Inquérito Policial Militar, é bastante suscinto e, basicamente, defende que a Comissão de Planejamento Econômico (CPE) da Bahia, que estava, na época, sob a liderança de Milton Santos, foi infiltrada por comunistas e que Santos seria um “inocente útil” para as atividades subversivas desse órgão repleto de figuras ligadas ao Partido Comunista Brasileiro. O documento diz que Aristeu Nogueira Campos, membro ativo do partido, teria utilizado a “Gráfica do CPE para a confecção de bônus para a Campanha de Alfabetização Popular do Município de Pojuca, campanha essa de inspiração e fundo comunista”, ou seja, aparentemente o crime é a alfabetização. O trecho do processo, não resolve, contudo, todo o mistério, pois o Inquérito Policial Militar solicita a prisão preventiva dos acusados, inclusive Santos que é implicado pela convivência com as atividades comunistas, tendo sido assinado na data de 19 de agosto de 1964.

No entanto, o relatório organizado pela Universidade Federal da Bahia (Comissão, 2014, p. 113), traz a informação de que Santos teria sido mantido na prisão entre os dias 9 de abril e 23 de junho de 1964, ou seja, talvez o documento do portal Brasil nunca mais poderia ser um segundo Inquérito Policial Militar ou um pedido de renovação de prisão, o que mostra um grave clima de perseguição política e risco pessoal, considerando as arbitrariedades e violências ocorridas em tais Inquéritos. Algumas semanas após sair da prisão, Santos solicita uma licença médica de 90 dias que é concedida e, na sequência, a situação se torna estranha: Santos solicita afastamento do país para lecionar por um ano em Paris, contudo, a resposta formal só chega no dia 5 de maio de 1965, informando que o início do afastamento foi autorizado a partir de 15 de dezembro de 1964. No exílio, Santos continua a solicitar os afastamentos anualmente até 26 de março de 1969, quando ele é informado que o afastamento apresentado em 21 de dezembro de 1968 foi indeferido, o que motivaria a demissão de Milton Santos da Universidade (Comissão, 2014, p. 114). No entanto, quando a Polícia Federal oficia a Universidade perguntando sobre membros da comunidade desligados em função de Atos Institucionais, Santos é arrolado e mesmo que se faça menção ao indeferimento de afastamento, isso nos parece denotar um aspecto de perseguição política.

Como vimos, pouco depois de ser libertado, Santos segue para o exílio, graças à comoção de intelectuais e, por convite, vai lecionar em Toulouse, na França. É nesse contexto que se encaixa o curso que ora traduzimos. Não repetirei os argumentos apresentados em um estudo anterior (Pedrosa, 2018), contudo, é interessante ressaltar o interesse de Santos pelo subdesenvolvimento – em 1965, é publicado no Rio de Janeiro o livro de sua autoria *A cidade nos países subdesenvolvidos* – e pelo tema da alimentação. Aqui, claramente, existe uma ligação com a agenda de Josué de Castro, intelectual que Santos vê como uma inspiração e com quem trocou cartas na década de 1950. Santos, em 1955, em carta com papel timbrado do jornal “A Tarde”, escreve para Castro e o trata por “eminente mestre e amigo”, além de elogiar o seu livro “Geopolítica da Fome”, bem como seu discurso na Câmara dos Deputados e cobra uma resposta sobre o convite feito para que ele venha palestrar no Instituto de Geopolítica na seção de Salvador. Na missiva anterior, Santos se denomina discípulo de Castro (Carvalho, 2001, p. 32 e 108). Mesmo que Santos e Castro estivessem exilados na França

² Para mais informações: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/milton-santos/>, acessado dia 13 de setembro de 2023.

³ <https://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>, acessado em 11 de janeiro de 2024.

no mesmo período, não encontramos qualquer tipo de correspondência ou relato de que eles teriam travado relações. Independente disso, parece-me que sua influência se mostra pela abordagem da temática da produção alimentar – é possível lembrar aqui seus trabalhos sobre a zona do cacau, por exemplo - e, igualmente, pelo reforçamento da discussão sobre a temática do desenvolvimento e pela superação do subdesenvolvimento, por assim dizer, assunto que, a meu ver, o motiva desde antes de assumir a Comissão de Planejamento da Bahia e se relaciona com a fundação do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais em 1956.

Ressalto, igualmente, essa autodenominação de Santos como discípulo de Castro, pois isso me parece se relacionar com uma posição que Santos assume diante do campo geográfico brasileiro, em um contexto cuja produção geográfica está bastante concentrada no eixo Rio-São Paulo e em um contexto em que Castro poderia ser uma referência importante da geografia nordestina. Além de sua proeminência científica, Castro representa ainda uma ciência ativa, preocupada com o engajamento na solução dos problemas regionais e nacionais, um movimento que Santos mimetizava, pois além da participação científica, ele tinha igualmente uma carreira política que se iniciara em âmbito regional, mas que no momento anterior ao golpe de 1964 já tinha uma projeção nacional. Tudo isso é abortado após 1964, com o exílio dos dois intelectuais e, no caso de Santos, existe um reforçamento para sua atuação acadêmica. Mesmo Castro, que continua com seu ativismo político internacional devido ao seu grande reconhecimento e capital político, acaba também por se tornar professor na Universidade de Vincennes na França.

Sobre o objeto da tradução, destaco que existem aí, em gérmen, uma série de ideias chave que seriam aprofundadas no decorrer de sua carreira das quais destaco as seguintes: (1) a necessidade de compreender as especificidades geográficas do chamado Terceiro Mundo; (2) uma crítica e a busca de superação do conceito tradicional de região, inclusive no tocante aos seus aspectos ecológicos, devido à mundialização econômica e modernização das sociedades “tradicionais”; (3) a identificação dos efeitos nocivos da modernização e do desenvolvimento em perturbar os arranjos locais e regionais; (4) a busca de uma geografia geral – que podemos comparar com um sentido de totalidade – que explique as vicissitudes da geografia alimentar da periferia ou dos países subdesenvolvidos; (5) o papel das revoluções técnicas em alterar dinâmicas do meio geográfico e (6) uma crítica ao desenvolvimento econômico que por vezes é aprofundador das desigualdades nacionais.

Certamente, apesar de Santos estar em uma posição de fragilidade do exílio, devo ressaltar que mesmo participando do *Institut d'Études du Développement Économique e Social* (IEDES), criado pelo economista François Perroux, em 1962, nosso autor teve a autonomia intelectual de problematizar e criticar vários aspectos da teoria dos polos de desenvolvimento⁴. Reconhecido por seu trabalho intelectual e visto como um especialista nos países subdesenvolvidos, Santos pulicou na revista *Tiers Monde* pelo menos três artigos⁵ sobre a alimentação. Essa publicação era vinculada ao IEDES, sendo que Santos organizou um número (n. 50, v. 13, de 1972), cujo título era *Modernisations et 'espaecs dérivés'*, que contou com uma nota bibliográfica de Georges Bensaid sobre a “Geopolítica da fome”

⁴ Santos, Milton. Sous-développement et poles de croissance économique et sociale. *Tiers Monde*, n. 58, p. 271-286, 1974. Santos era então professor no Departamento de Geografia de Toronto.

⁵ São eles: (1) Santos, Milton. L'alimentation des populations urbaines des pays sous-développés. *Tiers Monde*, n. 31, p. 605-629, 1967, sendo o autor descrito como professor na Universidade da Bahia, antigo presidente da Comissão de Planificação Econômica do Estado da Bahia, professor associado na Faculdade de Letras e Ciências Humanas em Toulouse. (2) Santos, Milton. De la géographie de la faim à la planification régionale. *Tiers Monde*, n. 37, p. 95-114, 1969, na época, Professor Associado na Sorbonne. E (3) Santos, Milton. Commerce alimentaire et force régionale de la ville dans les pays sous-développés: une méthode d'analyse. *Tiers Monde*, n. 48, p. 819-824, 1971, então Professor associado no MIT (Cambridge) e descrito como antigo professor do IEDES.

de Josué de Castro. Mesmo fora da França, sua contribuição com a *Tiers Monde* continua. Apesar da influência intelectual de Max Sorre, parece-nos que Milton Santos, face à mundialização, opta por tratar o assunto da alimentação por uma abordagem cada vez mais econômica e menos ecológica. Dessa feita, seria razoável admitir que esse tema será um pano de fundo importante de uma das suas principais obras, "O espaço dividido", ocasião em que ele arquiteta a teoria dos dois circuitos da economia urbana. Ali os alimentos "tradicionais" ou locais se contrastam com os industrializados, processados, inseridos de fora nos contextos regional e local.

Por fim, na minha opinião, não seria exagero dizer que Santos se tornou um dos principais expoentes da geografia brasileira no mundo, no entanto, sua vida e obra ainda aguardam o surgimento de uma biografia de excelência, apesar dos esforços de vários intelectuais em desvelar sua trajetória profissional. Penso que não se deve incorrer no erro de se fazer hagiografias, nem defender que Santos tenha uma obra monolítica e sem transformações, muito menos abordar seu pensamento a partir de conceitos – de região, de território, de espaço, etc. Devemos ver seu pensamento em movimento, a absorção de temas na sua agenda de pesquisa e a elaboração dos conceitos utilizados para a análise da realidade. Por que devemos empreender essa tarefa? Devido à sua capacidade crítica e de clarividência de nossa realidade, mas, sobretudo, para que façamos uma reflexão sobre a nossa prática enquanto campo do conhecimento, pois vivemos um momento histórico em que a geografia é crucial. Façamos como Milton Santos, que se propôs a pensar a realidade brasileira desde uma perspectiva do Sul, teve um pensamento autônomo e crítico, conseguindo impor suas ideias mesmo no centro do sistema. De maneira inusitada, esta tradução pretende reforçar o escrutínio histórico, o que permite perceber que o tema da alimentação foi uma chave importante para o desenvolvimento do pensamento de Milton Santos. Boa leitura!

Referências

- CARVALHO, A. A. Teles de. *Josué de Castro na perspectiva da geografia brasileira – 1934-1956*. Recife: Dissertação, programa de Geografia – UPFE, 2001.
- COMISSÃO MILTON SANTOS DE MEMÓRIA E VERDADE. *Golpe Civil-militar de 1964 na UFBA: rompendo o silêncio do estado e reduzindo o espaço da negação*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.
- PEDROSA, B. V. O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, v. 25, n. 2, 2018.